

Roberto dos Santos Silva
Suzana Maria da Silva

A FAMÍLIA COMO PARCEIRA NO PROCESSO PSICOPEDAGÓGICO

Cansanção BA
2024

Roberto dos Santos Silva
Suzana Maria da Silva

A FAMÍLIA COMO PARCEIRA NO PROCESSO PSICOPEDAGÓGICO

TCC elaborada para fins de avaliação parcial de Trabalho de Conclusão de Curso, da Pós-Graduação Psicopedagogia Institucional e Clínica para Faculdade Jardins de Aracaju.

Professor Orientador: Dra. Ednalda Alves da Silva

Cansanção BA

2024

A FAMÍLIA COMO PARCEIRA NO PROCESSO PSICOPEDAGÓGICO

RESUMO: A Psicopedagogia tem o seu principal foco nos processos de aprender e de ensinar e nos problemas decorrentes desse processo decorrem principalmente da falta de reconhecimento por parte do sujeito de sua própria produção, de sua autoria de pensamento. A parceria da família ajuda no processo de alfabetização e desenvolvimento integral da criança. Portanto, o objeto da psicopedagogia esta é a Ideia que permeia os estudos e a atuação de inúmeros psicopedagogos no Brasil. Assim, na atuação Psicopedagógica é de fundamental importância a abertura de espaços para que o sujeito possa reconhecer-se autor de seu pensamento e conseqüentemente, capaz de produzir sentidos. Embora a Psicopedagogia enfatize a importância da produção de sentidos e que predomina nas correntes de pensamentos sobre a temática, conseqüentemente, a construção da subjetividade nos processos de aprender e de ensinar, é necessária uma maior ênfase na ideia de movimento e de capacidade de transformação do sujeito que ensina e aprende. Ou seja, os processos de aprendizagem e de ensino devem ser percebidos não como algo que está fora do sujeito, mas como um momento constitutivo essencial, definido pelo sentido que esses processos têm para ele, dentro de uma condição singular em que se encontra, ou seja, inserindo-se os processos de aprendizagem e de ensino em suas trajetórias de vida. Compreendendo-se, ao mesmo tempo, que dentro de uma mesma configuração de sentidos aparecem elementos de sentido gerados em tempos e espaços diferentes na vida da pessoa. Logo, situamos a atuação do psicopedagogo em uma perspectiva mais ampla em que a construção da subjetividade não acontece num espaço interno e nem num espaço externo, mas na inter-relação, na intersubjetividade.

Palavras-Chave: A Importância da Psicopedagogia. Aprendizagem. Atuação do Psicopedagogo e sua Relação com a Aprendizagem do Estudante.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de cunho bibliográfico, consiste em ressaltar a importância da parceria da família no processo psicopedagógico. A Psicopedagogia constituiu-se, a princípio em uma composição de dois saberes - psicologia e pedagogia, pois trata-se de uma ciência que estuda o processo de aprendizagem humana, sendo o seu objeto de estudo o ser em processo de construção e reconstrução do conhecimento. Cada vez mais se faz necessário inserir o psicopedagogo na instituição escolar, já que seu papel é analisar e assinalar os fatores que favorecem, intervêm ou prejudicam uma boa aprendizagem em uma instituição. O papel da Psicopedagogia e da Educação é o de instituir caminhos entre os opostos que liguem o saber e o não saber e estas ações devem acontecer no âmbito do indivíduo, do grupo, da instituição e da comunidade, visando a aprendizagem e, portanto, é também tarefa da Psicopedagogia. Dessa forma, refletir criticamente sobre a relevância do psicopedagogo dentro de uma instituição nos desperta para a necessidade de se buscar uma educação de qualidade e consciente de que as crianças aprendem de formas distintas.

O presente estudo está centrado na contribuição do psicopedagogo no contexto escolar, isto é, por meio de uma atuação diferenciada e pautada na formação do cidadão de uma forma global. Neste processo de busca e reflexão faz-se necessário uma importante indagação: Qual é o real papel do psicopedagogo no contexto escolar? trabalho diferenciado em cada unidade escolar com os alunos que apresentam sérias dificuldades de aprendizagem ao decorrer da Educação Fundamental. É importante também reconhecer as mudanças que têm ocorrido nas diversas fases de desenvolvimento da criança, pois a infância e a adolescência já requerem novos olhares por parte dos educadores, psicopedagogos, psicólogos e pediatras. Diante da realidade já citada é primordial de que haja uma reflexão a respeito do processo da qualidade da educação e a contribuição de outros profissionais neste processo. Nesse sentido, é extremamente relevante um trabalho de estudo e análise que reflita sobre a função e a contribuição de um psicopedagogo no contexto escolar, ou seja, diante do desafio de se lidar com as dificuldades de aprendizagem.

É importante ressaltar a psicopedagogia como complemento, que é a ciência nova que estuda o processo de aprendizagem e dificuldades, muito tem contribuído para explicar a causa das dificuldades de aprendizagem, pois tem como objetivo central de estudo o processo humano do conhecimento: seus padrões evolutivos normais e patologias bem como a influência (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento. Portanto, diante das sérias dificuldades de aprendizagem dos educandos é muito importante a atuação psicopedagógica nas escolas.

Atualmente, no Brasil, só poderão exercer a profissão de psicopedagogo os portadores de certificado de conclusão em curso de especialização em psicopedagogia em nível de pós-graduação, expedido por instituições devidamente autorizadas ou credenciadas nos termos da lei vigente - Resolução 12/83, de 06/10/83 - que forma os especialistas, no caso, os então chamados "especialistas em psicopedagogia" ou "psicopedagogos". Atualmente, a profissão de Psicopedagogo, tendo em vista o trabalho de outras gestões da Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp) e dessa última, tem amparo legal no Código Brasileiro de Ocupação, ou seja, já existe a ocupação de Psicopedagogo, todavia, isso não é suficiente. A profissão ainda precisa ser regulamentada, isto é, trata-se de mais um desafio a ser enfrentado.

O psicopedagogo pode atuar em diversas áreas, de forma preventiva e terapêutica, para compreender os processos de desenvolvimento e das aprendizagens humanas, recorrendo a várias estratégias objetivando se ocupar dos problemas que podem surgir. O psicopedagogo pode desempenhar uma prática docente, envolvendo a preparação de profissionais da educação, ou atuar dentro da própria escola. Cabe também ao profissional detectar possíveis perturbações no processo de aprendizagem; participar da dinâmica das relações da comunidade educativa a fim de favorecer o processo de integração e troca. A partir deste contexto, esta pesquisa se justifica, o tema foi escolhido após ver pais e responsáveis a procura de Psicopedagogos para seus filhos com pareceres médicos, indicando transtornos mentais, e os memos relatando a falta do profissional. Nesse sentido quis saber mais do porquê da procura do Psicopedagogo, após a pesquisa de cunho bibliográfico, ficou evidente que o Psicopedagogo tem funções limitadas, como não imaginava isso. Logo o

Psicopedagogo apenas encaminhara uma criança brevemente diagnosticada para um especialista de modo geral, e terá um conhecimento um pouco maior sobre psicológico.

PSICOPEDAGOGIA: HISTÓRIA E EVOLUÇÃO

A psicopedagogia surgiu na Europa, com o intuito terapêutico de crianças com dificuldades escolares e familiares. Ariès (*apud* BOSSA, 2019) acreditava-se na preocupação entre os moralistas e os educadores do século XVII para a compreensão da criança para transformá-la em um homem racional e cristão. Após o século XVIII o discurso social sobre a criança muda, predominando o conceito de disciplina, racionalidade dos hábitos, acrescentando uma preocupação com a higiene e a saúde física.

Bossa (2019) estuda uma psicopedagoga francesa que adota o termo psicopedagogia curativa usado para a caracterização das ações terapêuticas que tem pontos de vistas pedagógicos e psicológicos no procedimento de crianças que apresentam fracasso escolar, experimentam dificuldades ou demonstram lentidão em relação aos colegas no que diz respeito às aquisições escolares.

Mary (*apud* BOSSA, 2019) fez um levantamento dos autores que tiveram interesse nesse assunto, apontou o século XIX como o período que se iniciou os interesses na compreensão e atendimento de crianças e adolescentes portadores de deficiência sensoriais e outros problemas que comprometessem a aprendizagem. Itard, Pereire, Pestalozzi e Seguin começaram no final do século XIX a se concentrar em crianças que apresentavam problemas de aprendizagem. Pestalozzi, fundou na Suíça um centro de educação, inspirado nos ideais de Rousseau, um trabalho realizado onde ele abrigava crianças e adolescentes pobres, ele estimulava a percepção pela intuição e a natureza. Pereira se preocupou com a educação que estimulasse a visão e o tato. Itard estudou sobre percepção e retardo mental. Seguiu em 1837, fundou uma escola destinada a crianças com deficiências mentais e se mudou para os Estados Unidos. Um ano depois suas ideias foram aceitas e suas técnicas de como treinar os sentidos e os músculos ainda são usados atualmente.

[...] Seguin fundou na França a primeira escola de reeducação. Depois de rejeitar a noção dominante de “incurabilidade” da deficiência mental, Seguin experimentou, durante muitos anos, o que denominou como método fisiológico de educação e, em 1837, fundou uma escola destinada a crianças mentalmente deficiente e emigrou para os

Estados Unidos, em 1848, onde suas ideias foram amplamente aceitas. Suas técnicas de treinamento dos sentidos e dos músculos ainda são utilizadas atualmente [...], (ANASTASI *apud* BOSSA, 2019, p. 48).

Segundo a Bossa (2019), em 1898 foi introduzido a escolas públicas as classes especiais, direcionada para educação de crianças com retardo mental. Em 1898, Edouard Claparède, famoso professor de Psicologia, juntamente com o neurologista François Neville, introduziu na escola pública as “classes especiais”, destinadas á educação de crianças com retardo mental. Esta foi a primeira iniciativa registrada de médicos e educadores no campo de reeducação. Entre 1904 e 1908, iniciam-se as primeiras consultas médico-pedagógicas, as quais tinham o objetivo de encaminhar as crianças para as classes especiais. No final do século XIX, foi criada outra parceria médico-pedagógica, pelo médico Esquirol e o educador Seguin. Nessa mesma época, Montessori criou um método de aprendizagem direcionado a crianças com retardo mental, após a algum tempo esse método foi ampliado para todas as crianças, atualmente esse método e utilizado em muitas escolas. Ainda, em fins do século XIX, foi formada uma equipe médico-pedagógica pelo educador Seguin e pelo médico psiquiatra Esquirol. A partir daí, a neuropsiquiatria infantil passou a se ocupar dos problemas neurológicos que afetam a aprendizagem.

Segundo Bossa (2019), a Psicopedagogia no Brasil teve muita influência da Argentina, pelo fato dos países ser vizinhos e ter acesso a literatura. Por muito tempo explicaram os problemas de aprendizagem com fatores orgânicos. Em 1970, foi publicada a ideia de que tais problemas teriam como causa transtornos neurológicos não detectáveis em exames clínicos. A autora afirma que o rótulo Disfunção Cerebral Mínima (DMC) foi apenas um entre os vários diagnósticos empregados para camuflar problemas sociopedagógicos traduzidos ideologicamente em termos de psicologia individual. Tem-se como dislexia, disritmia e outros também foram usados para esse fim. A mesma aponta a Psicopedagogia como âmbito de investigação que atua na área da saúde e educação, que trabalha com a aprendizagem humana, se preocupando com questões diversas.

Segundo Scoz e Porcacchia (2009), foi estudado não só as dimensões psicológicas e físicas do ser humano, mas também as manifestações culturais

para entender a natureza humana. Temos que ter um conceito sistemático de ver o mundo de relações e totalidades, cuja natureza não pode ser reduzida em unidades menores, fundamentos comuns da organização.

A subjetividade social, na qual o indivíduo é constituinte e, simultaneamente, constituído. A existência da subjetividade social não é como algo externo ao indivíduo com status de objetivo relacionado ao indivíduo, mas como um processo implícito em um sistema complexo. Articulando o espaço social e individual da subjetividade, é um desafio teórico. Para dar conta desse movimento, é necessário buscar explicitações nos processos de subjetividade social e individual de maneira conjunta e inter-relacionada, em dois espaços que se constituem mutuamente, (SCOZ; PORCACCHIA, 2009, p. 65).

Segundo Scoz e Porcacchia (2009), sugerem a subjetividade social como forma de criação que se caracteriza nos múltiplos aspectos da vida do sujeito e que se concretiza nos espaços de relação nos quais os indivíduos atuam, permite uma aproximação das inter-relações dos sujeitos aprendentes/ensinantes, pais/filhos e professores/alunos. Todas essas interações estão incluídas em um contexto complexo no formato da subjetividade individual e social presente nos processos de ensino/aprendizagem.

O sujeito deve ser compreendido em seu sentido subjetivo, pelos pensamentos e pelas emoções que são por ele construídos na constituição de si mesmo e nos espaços sociais em que atua. Conforme o autor a Psicopedagogia tem como propósito abrir espaços objetivos e subjetivos de autoria de pensamento; fazer pensável as situações... e, muito mais importante que os conteúdos pensados é o espaço que possibilita fazer pensável um determinado conteúdo. As autoras afirmam que, os espaços de autonomia de pensamento não são formados de uma vez e para sempre, e sim necessitam ser modificados e reorganizados permanentemente. As configurações da consciência, assim como nas técnicas de ensino e aprendizagem há a presença do pensamento do indivíduo. Assim sendo reconhecemos o sujeito ativo é reconhecemos sua capacidade pensante, reflexiva, é será, na atividade de sua capacidade de pensamento que o sujeito constituirá como elemento central de seu caráter processual da subjetividade. Portanto, a reflexividade é uma característica do indivíduo, que motiva a consciência de si e o leva a uma reorganização crítica de seu conhecimento.

Segundo Anjos e Dias (2015), nas décadas de 1960 e 1970, as correntes

teóricas utilizadas principalmente na psicopedagogia foram Behaviorismo e Humanismo. O behaviorismo tem estímulos e respostas como básico. Ao mesmo tempo, o humanismo se propõe a obedecer à vontade do educando. Existir a humanidade como existência histórica e social não é valorizada.

Na contemporaneidade, observa-se que a psicopedagogia se baseia em três fundamentos teóricos, a psicanálise, o associacionismo e o construtivismo. Na psicanálise, um fundamento importante é a conexão e, portanto, segundo a psicanálise, é necessário criar uma conexão para que o aprendizado ocorra. No associacionismo, a avaliação é centrada no tecnicismo, onde fatores externos superam a cognição. No construtivismo as relações sociais são fundamentais para o desenvolvimento porque orientam o sujeito na construção do conhecimento.

Os temas da sua vida de um sujeito são finalmente reconstituídos, aprendidos e reaprendidos. Através da aprendizagem, os humanos começam a desenvolver-se para compor as suas próprias obtenções de reconhecimento e experiências. Por se tratar de um processo complexo de ação, ensino e aprendizagem, é necessário aprofundar os problemas inerentes a esse processo.

O materialismo histórico surgiu na década de 1980 como a antítese do behaviorismo e do humanismo. No entanto, as posições desses três fundamentos teóricos são rígidas, ignorando os aspectos biológicos, psicológicos e sociais relevantes. O materialismo histórico não legitima o presente sem considerar os acontecimentos políticos, econômicos e sociais do passado. O materialismo histórico originado de Karl Marx, é uma crítica ao consumismo, uma crítica do capitalismo com um dano no socialismo.

Segundo Anjos e Dias (2015), no associacionismo, a ênfase está no conteúdo que será aplicado aos alunos, o ensino, e nessa linha de pensamento, deve ser feito em sequência para que os alunos obtenham a resposta correta. A teoria construtivista não apenas beneficia o conteúdo, mas se concentra na construção do conhecimento e na valorização da interação do conhecimento. Usar o construtivismo como base teórica da psicopedagogia não apenas transfere a promessa de aprendizagem para o aluno e seu intelecto, como seria a compreensão de que o conhecimento não pode ser apenas recebido, mas apenas reconstruído por meio da instrução ou do ensino.

Moreira (*apud* ANJOS; DIAS, 2015), destaca que Piaget postulou que as crianças precisam assimilar e então podem se adaptar ou não às informações que recebem, modificando seus esquemas com essas estruturas cognitivas. Ao interagir com o mundo, o indivíduo caminha para a integração organizada, pois a cada novo conhecimento adquire mais meios de se adaptar ao meio, aumentando assim seu grau de organização. Com todo conhecimento que leva à adaptação, a disciplina também possibilitará adaptação e organização. As relações sociais são fundamentais para o desenvolvimento porque os sujeitos influenciam e, em última análise, são influenciados pelo contexto social.

As crianças aprendem comportamentos por meio de interações com adultos, e novos comportamentos surgem a cada exposição. No entanto, é importante ressaltar que o estágio de maturidade afetará o nível de socialização. A definição de socialização de Piaget varia de zero no recém-nascido ao mais alto quando a criança tem autonomia.

Segundo Moraes (*apud* ANJOS; DIAS, 2015), a verificação psicopedagógica é um método que o Psicopedagogo precisa seguir e têm que envolver diversificadas atividades, é nesse ponto que o psicopedagogo designa quais serão os planos de intervenção. Na verificação psicopedagógica é feita uma investigação sobre a aprendizagem do sujeito buscando entender como e quando iniciou o problema. Para realizar uma verificação é preciso que desempenhe alguns mecanismos como um diálogo inicial, com o motivo da queixa, análise do material escolar, diversos modelos de atividades em diferentes disciplinas, testes que verificam o nível de desenvolvimento e sondagens.

Ter consciência do rendimento do aluno é o primeiro movimento para que o psicopedagogo seja capaz de refletir e intervir. A seleção dos objetos de trabalho vai diversificando conforme com as necessidades do sujeito, e os ajustes são feitos constantemente.

A psicopedagogia vem atuando em vários campos: escolar, clínica, como pesquisa científica, entre outros. Contudo, minha pesquisa será baseada na psicopedagogia escolar. A concepção entre docentes se dá por um processo de reconstrução em ação, que se dá pela ação de mediadores que organizam situações de problematização entre os professores.

ajudem a progredir até autoaprendizagem, oferecendo-lhes recursos do estado em que se encontram.

Trazendo o enfoque acima para a psicopedagogia, a questão da formação, o psicopedagogo assume um papel de grande importância na medida em que a partir dela inicia-se um percurso para a formação de identidade desse profissional, ou seja, o profissional que esteja estudando nível de especialização tem que modificar sua práxis.

A psicopedagogia auxilia na qualidade do ensino, que vem crescendo no âmbito escolar, atendendo em especial os problemas de educação no Brasil. Na escola ele utiliza instrumentos específicos de avaliação e estratégias capazes de atender os alunos em sua individualidade e auxiliá-los na produção escolar e para isso os coloca em contato com suas reações diante da tarefa e vínculos com o objeto do conhecimento, resgatando assim o ato de aprender.

Cabe ao psicopedagogo assessorar a escola no sentido de alerta para o papel que lhe compete, seja redimensionando o processo de aquisição e incorporação do conhecimento dentro do espaço escolar, seja reestruturando a atuação da própria instituição junto a alunos professores e seja encaminhado a alunos e outros professores, (BOSSA, 2019, p. 67).

E como psicopedagogo escolar, ele promove, o levantamento, a compreensão e a análise das práticas escolares e suas relações com a aprendizagem; o apoio psicopedagógico a todos os trabalhos realizados no espaço da escola; a ressignificação da unidade ensino/aprendizagem, a partir das relações que o sujeito estabelece entre o objeto do conhecimento e suas possibilidades de conhecer, observar e refletir, a partir das informações que já possui; a prevenção de fracassos na aprendizagem e a melhoria da qualidade do desempenho escolar, (BOSSA, 2019).

Segundo Bossa (2019), esse trabalho pode ser desenvolvido em diferentes níveis, propiciando aos educadores conhecimentos para reconstruir seus próprios modelos de aprendizagem, identificar diferentes etapas do desenvolvimento evolutivo dos alunos, preparar o diagnóstico no próprio âmbito escolar e se necessário encaminhá-lo para fora da escola.

Portanto, a formação em psicopedagogia envolve diversificados profissionais e com isso enfrenta dificuldades em construir sua identidade por

ser recente numa área de estudos, pelas suas origens teóricas, mas os profissionais envolvidos nessa busca estão mobilizados pelo desejo de contribuir para tal processo contínuo de construção, (SCOZ; PORCACCHIA, 2009).

De acordo com a LDB 9394/96, no artigo 2º:

A Educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996).

O psicopedagogo deve ser capaz de investir em sua formação pessoal de maneira contínua e significativa, estando apto a desenvolver um papel profissional inovador, no qual quem ensina deve ter aprendido e vivenciado o que vai ensinar. Trata-se de um compromisso ético entre aqueles que propuserem a experiência de inclusão e aqueles que devem experimentá-la no cotidiano difícil de uma sala de aula, (SCOZ; PORCACCHIA, 2009).

Pode-se observar no âmbito escolar, principalmente no ensino básico, crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita, elas até conseguem ler um texto, mas não conseguem interpretá-lo. Diante desse contexto, também se observa a fragilidade das práticas pedagógicas de educadores para lidarem com esse problema.

A área da Psicopedagogia é compreendida como um campo de possibilidades para o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem dos alunos, dando subsídios para que os professores possam criar estratégias significativas para o avanço desses alunos.

A Psicopedagogia surgiu devido ao grande número de crianças que apresentavam dificuldades de aprendizagem, buscando em outras áreas do conhecimento (Medicina, Pedagogia, Psicologia, Fonoaudiologia, Linguística entre outras), a base para a sua fundamentação teórico-prática, tornando-se uma área interdisciplinar. Bossa (2019, p. 25) afirma que, “reconhecer tal caráter significa admitir a sua especificidade enquanto área de estudos, uma vez que, buscando

conhecimentos em outros campos, cria seu próprio objeto, condição essencial da interdisciplinaridade.”

A Psicopedagogia é uma área de atuação, que investiga o processo de aprendizagem do indivíduo. Surgiu com a finalidade de melhorar o processo de aprendizagem humana, e está além da aplicação da Psicologia e da Pedagogia. Pode-se dizer que a Psicopedagogia tem um parentesco com a Pedagogia e com a Psicologia, ou ainda mais, ela tem um caráter interdisciplinar por ter uma contribuição teórica e prática de outras áreas do conhecimento.

Conforme Bossa (2019) do seu parentesco com a Pedagogia, a Psicopedagogia traz as indefinições e as contradições de uma ciência cujos limites são os da própria vida humana. Envolve simultaneamente, a meu juízo, o social e o individual em processos tanto transformadores quanto reprodutores. Da Psicologia, a Psicopedagogia herda o velho problema do paralelismo psicofísico, um dualismo que ora privilegia o físico (observável), ora o psíquico (a consciência). Essas duas áreas não são suficientes para apreender o objeto de estudo da Psicopedagogia, o processo de aprendizagem e suas variáveis, e nortear a sua prática.

Dessa forma, recorre-se a outras áreas, como a Filosofia, a Neurologia, a Sociologia, a Linguística e a Psicanálise, no sentido de alcançar compreensão desse processo. O estudo da Psicopedagogia não está associado somente à aprendizagem da criança, de uma forma geral abrange todos os indivíduos, sejam elas crianças, adolescentes ou adultos. É também um campo de estudo que integra saúde e educação, possibilitando ao trabalho psicopedagógico uma atuação preventiva e terapêutica.

A atuação preventiva corresponde às alterações ligadas ao desenvolvimento do sujeito e, a atuação terapêutica, corresponde ao diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizagem. Essa área do conhecimento pode ser do interesse de profissionais que se dedicam à educação, especialmente aos problemas de ensino- aprendizagem, pois possibilita uma análise sobre as ações e respostas da relação ensino-aprendizagem em termos das adequações sobre as intervenções necessárias, (BOSSA, 2019).

O trabalho psicopedagógico, é voltado para compreender como o

indivíduo aprende - tanto em grupo quanto individualmente. A metodologia trabalhada define-se a partir das necessidades do indivíduo. Divide-se em duas áreas de atuação: a institucional e a clínica. A Psicopedagogia institucional se caracteriza pela própria intencionalidade do trabalho. Atuamos como psicopedagogos na construção do conhecimento do sujeito, que, neste momento, é a instituição com a sua filosofia, valores e ideologia. A demanda da instituição está associada à forma de existir do sujeito institucional, seja ele a família, a escola, uma empresa industrial, um hospital, uma creche, uma organização assistencial. Nesse trabalho clínico, que se dá em consultórios ou em hospitais, o psicopedagogo busca não só compreender o porquê de o sujeito não aprender algumas coisas, mas também o que ele pode aprender e como. A busca desse conhecimento inicia-se no processo diagnóstico, momento em que a ênfase é a leitura da realidade daquele sujeito, para então proceder à intervenção, que é o próprio tratamento ou o encaminhamento. Podemos perceber que a psicopedagogia abrange tanto o ambiente escolar como o clínico. Cada espaço implica em uma metodologia de trabalho específica. Por isso deve-se estar atento às necessidades do sujeito. Kramer (*apud* BOSSA, 2019).

[...] os estudos antropológicos exigem que levemos em conta o contexto de vida mais imediato das crianças e as próprias características específicas dos professores e da escola como instituição. Isso significa reconhecer que as crianças são diferentes e têm especificidades, não só por pertencerem a classes diversas ou por estarem em momentos diversos em termos de desenvolvimento psicológico. Também os hábitos, costumes e valores presentes na sua família e na localidade mais próxima interferem na sua percepção de mundo e na sua inserção. E, ainda, também, os hábitos, valores e costumes dos profissionais que com elas convivem no contexto escolar (professores, serventes, supervisores etc.) precisam ser considerados e discutidos, (KRAMER *apud* BOSSA, 2019, p. 22).

Portanto no trabalho psicopedagógico precisa-se estar atentos a esses elementos mencionados acima, não só nos problemas descritos mas também nos preocuparmos com a intervenção realizada pelo profissional. Muitos dos problemas de aprendizagem estão relacionados com o ambiente familiar, escolar ou com a relação professor-aluno.

A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Segundo Rosa (2015) á uma descrição precisa que é abrangente a um conceito tão amplo quanto a aprendizagem que é quase impossível, até agora, as correntes científicas e teóricas levantaram hipóteses sobre esse processo, mas não foram capazes de responder com total precisão o que está acontecendo no cérebro de uma criança. Uma pessoa, quando aprende alguma coisa. Supõe-se que mudanças no sistema nervoso ocorram no processo de aquisição de conhecimento, mas essas mudanças não foram detectadas com precisão. Dessa forma, a aprendizagem é vista como um processo de mudança comportamental, uma experiência construída por meio de fatores emocionais, neurais, relacionais e ambientais que resulta da interação entre as estruturas mentais e o ambiente de vida, levando em conta o conceito cultural.

O grupo social sabe e pensa que está certo. Portanto, é fruto de experiências previamente adquiridas, pois cada experiência agrega novos conhecimentos ao indivíduo, e é esse conhecimento que traz mudanças de comportamento. Se antes de aprender o indivíduo se comportava de forma incorreta, agora, por meio do aprendizado, ele agirá de forma diferente, mostrando que aprendeu.

Segundo Rosa (2015), destaca que a aprendizagem se caracteriza por um continuum na vida de cada um, em que cada indivíduo se adapta de acordo com suas peculiaridades e todos os contextos e oportunidades disponíveis. De acordo com a abordagem histórico-cultural, o aprendizado é o resultado da interação uns com os outros. Outro aspecto relacionado à aprendizagem nessa perspectiva é o funcionamento mental superior, que se desenvolve por meio da aquisição de conhecimentos transmitidos historicamente que tem mais desenvolvimento cultural por meio da interação social e do uso de símbolos individuais para mediar. Essas funções são características humanas, derivadas de estímulos em um contexto sociocultural.

Segundo Rosa (2015), o processo de ensino e aprendizagem está diretamente relacionado à construção do indivíduo como um todo, pois as vivências em um determinado período, seja no universo, na escola ou na família,

refletem diretamente no desenvolvimento humano. Uma vez que a construção real acontece através das informações e desafios que o mundo proporciona, e dos aspectos emocionais que acontecem em todos esses momentos. A aprendizagem é o resultado da intervenção e mediação do professor, resultando na apropriação do aluno de conhecimentos, habilidades e atitudes, a internalização será socializada. Para mudar efetivamente o comportamento do aprendiz e expandir continuamente seu potencial, a aprendizagem deve fazê-lo perceber a relação entre o que aprendeu e sua vida.

Segundo Piaget (*apud* ROSA, 2015), demonstrar que a criança desconhece seu próprio eu no início de sua vida e vive em processo de diferenciação. Então as emoções são basicamente focadas em seu próprio corpo e suas próprias ações. Quando ele toma consciência de si mesmo, sua relação se torna um objeto, e o outro se torna um objeto de amor. E com o tempo, os sentimentos acontecem espontânea, decorrente da comunicação de humano para humano. Empatia por aqueles que se preocupam com os interesses de seus filhos e os valorizam. A aversão também pode ocorrer.

À medida que a criança cresce, as crises emocionais diminuem e essas cenas comuns da infância são racionalmente controladas no trabalho de desenvolvimento humano. As emoções estão subordinadas ao controle das funções mentais superiores racionais. E para organizar o conhecimento adquirido antes disso, a criança volta-se naturalmente para o mundo real, onde predominam as funções cognitivas. Portanto, todo processo educacional afeta a composição da disciplina. A criança, não importa em que ambiente esteja, seja em casa, na escola, ela se constrói como sujeito, que é fruto de sua vivência com os outros. Enquanto por meio da informação, a interrogação das coisas do mundo leva à construção da verdade, o aspecto emocional faz parte do processo.

Segundo Almeida (*apud* ROSA, 2015), a atribuição do ensino e da aprendizagem às conexões humanas começa no ambiente familiar. A estrutura desse vínculo é emocional, pois a criança mobiliza o adulto por meio de uma forma de comunicação emocional para garantir o cuidado de que necessita, portanto é um vínculo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança.

Segundo Rosa (2015), manter as crianças nos estágios iniciais do processo de aprendizagem. É preciso enfatizar que a emoção não se limita ao contato físico, mas também por meio de formas cognitivas, nas relações emocionais no processo de ensino, para promover a autoestima dos aprendizes; os educandos sentem-se confiantes e competentes, e desenvolvem uma vivência mais significativa e prazerosa, experiência de aprendizado.

Nesse sentido, Vygotsky enfatiza a importância do outro no processo de construção do conhecimento, mas também no processo de construção do próprio sujeito e da forma como ele se comporta. Vale ressaltar que, para Vygotsky, a escola desempenha um papel importante no desenvolvimento intelectual e conceitual das crianças, pois é a escola que se apropria da experiência acumulada culturalmente, desenvolve o pensamento conceitual e constrói novos conhecimentos. Isso significa que as escolas devem começar com o que as crianças já sabem para expandir seus conhecimentos.

Vygotsky (*apud* ROSA, 2015), afirma que o desenvolvimento do indivíduo é resultado e consequência das interações determinadas pelo sujeito em seu contexto histórico e cultural. Ele enfatiza que o indivíduo acumula conhecimento por meio de um processo de intensa interação social e, ao integrar a criança à cultura, está se apropriando de novos aprendizados. Área de desenvolvimento proximal, refere-se à distância entre o nível atual de desenvolvimento e o nível potencial de desenvolvimento. O conceito de mediação enfatiza que a construção do conhecimento é resultado da interação produzida pelas intervenções produzidas pelas diversas relações. A linguagem é muito importante para a evolução humana.

Segundo Rosa (2015), as culturas proporcionadas aos seres humanos, os sistemas simbólicos que representam a realidade estão constantemente recriando e reinterpretando informações, conceitos e significados. Para o funcionamento mental, o desenvolvimento de processos de internalização envolve atividades externas que devem ser modificadas para atividades internas, para serem interpessoais e se tornarem interpessoais. A interação social ocorre no pensamento, memória, percepção e atenção, motivações, necessidades, impulsos, emoções e sentimentos existem através do pensamento.

Segundo Piaget (*apud* ROSA, 2015), o desenvolvimento passa por quatro fases distintas: Sensório-motor é a primeira fase (cerca de 0 a 2 anos), onde a criança tenta observar os objetos ao seu redor e começa a controlar o movimento, adquirindo conhecimento experiencial, informações sensoriais. A principal característica desse período é a ausência de funções simbólicas. A linguagem começa com a repetição de sílabas, e depois vai para palavras que não são frases, mas indicadores de ação, pois não representa mentalmente objetos. Na segunda etapa, o período pré-operatório (aproximadamente 2 a 7 anos), a criança busca desenvolver as habilidades de linguagem. Aqui, ela já pode nomear objetos e raciocinar intuitivamente, embora ainda não consiga coordenar operações básicas. Dos dois aos quatro anos, a criança vive no período simbólico, ou seja, a função simbólica permite o surgimento da imitação, da linguagem, da dramatização, do desenho etc. Na terceira etapa ele define as operações concretas (por volta dos 7 aos 11 anos), as crianças começam a lidar com conceitos abstratos e são caracterizadas pela capacidade de resolver continuamente problemas concretos e lógica interna.

O sujeito conseguiu organizar o mundo de uma forma lógica ou acionável. Nesse momento, as crianças formam grupos, círculos de amigos, entendem regras e constroem compromisso. Mas discutir ideias e chegar a um consenso só é possível na próxima etapa. No quarto estágio, o estágio operacional formal (começando por volta dos 12 anos), a criança começa a fazer a transição para um modo de pensar adulto e é capaz de pensar sistematicamente sobre conceitos e raciocínios abstratos. Da matemática lógica e da estrutura dedutiva hipotética, a dialética é possível, permitindo tirar conclusões nas discussões e o estabelecimento de relações cooperativas e recíprocas nos grupos sociais. Segundo Rosa (2015), Piaget enfatizou que qualquer conhecimento, mesmo através da percepção, basicamente não é um reflexo da realidade, ou vem inteiramente da mente do sujeito. Na verdade, é o resultado da interação entre o indivíduo e o objeto, e influenciado por ele. A atitude espontânea do organismo e os estímulos externos recebidos, configurados na aprendizagem, e as emoções geradas por esse processo tornam-se a energia que impulsiona o comportamento humano, ressaltando também que sem emoção não há interesse ou motivação para que o processo de aprendizagem ocorra.

Wallon (*apud* ROSA, 2015) dedicou grande parte de sua vida ao estudo da emoção, que descreveu como um domínio funcional que depende do funcionamento de dois aspectos: orgânico e social. Para Wallon, a emoção desempenha um papel muito importante na formação da personalidade das crianças, que é constituída pela alternância de domínios funcionais. Wallon menciona cinco estágios de desenvolvimento, que são: impulsivo emocional, sensório motor e projetivo, categorial, puberdade e adolescência.

Em relação ao impulsivo emocional (0 a 1 ano de idade) existem duas fases, a primeira é chamada de impulsividade desde o nascimento e dura até o terceiro mês de vida e é caracterizada por movimentos bruscos, suas emoções carregam o bebê com sensibilidade para o bem ou para o mal, a segunda etapa do terceiro mês ao primeiro ano de vida é considerada emocional, nessa fase o bebê já consegue discernir sentimentos como medo e prazer e torna-se capaz de usar o próprio corpo para se expressar. A segunda etapa refere-se ao sensório motor e projetivo (1 a 3 anos), quando a criança já diferencia o espaço físico ao seu redor por meio de se sentar, apontar, mostrar e verbalizar. A terceira etapa é a etapa do personalismo (3- 6 anos), que se caracteriza pela criança começar a se ver como uma pessoa diferente, despertando o interesse em atrair a atenção dos outros no processo de construção. sua subjetividade. O quarto estágio, conhecido como estágio de categorial (6 a 11 anos), marca a capacidade da criança de representar, identificar e definir objetos de forma estável e adequada, categorizar, serializar etc. para se tornar lógico, discernir e agrupar objetos. As semelhanças e diferenças de ações, tem uma compreensão mais clara de si mesmo. A quinta fase é a puberdade e adolescência (após os 11 anos), quando o sujeito começa a se preparar para a vida adulta, vivenciando mudanças físicas e uma série de conflitos internos e externos, caracterizados por momentos de busca de autoconfiança. A existência de dúvidas começou a sucumbir aos valores impostos pela sociedade e pela família, que muitas pessoas não entendem e aceitam. As categorias cognitivas nesta fase apresentam alto nível de abstração, permitindo a distinção entre limitação, autonomia e dependência.

Embora nesta teoria o desenvolvimento seja descrito até a adolescência, Wallon enfatiza que a evolução humana não termina nesta fase, enfatizando que

a construção do "eu" será sempre um processo inacabado que continuará ao longo da vida humana. Os sentimentos para Wallon acontecem de acordo com os estágios que ele expressou a necessidade de compreender o desenvolvimento humano. Ele enfatizou que os estágios estão intimamente ligados ao processo educacional.

Segundo Rosa (2015), a escola constitui essencialmente um espaço educativo cuja função principal é mediar o conhecimento, possibilitando aos alunos a aquisição da reconstrução do conhecimento. Vygotsky diz que a aprendizagem é construída a partir de uma perspectiva social e, por meio da interação com os outros, as crianças introduzem ferramentas culturais dessa forma, enfocando os conceitos de mediação e internalização, enfatizando-os como aspectos fundamentais do processo de aprendizagem. Dessa forma, ela se insere na cultura para que aja um desenvolvimento global, não só no campo do conhecimento, mas também na sua construção é inerente.

A relação do aluno com os colegas, família e professores é muito importante. Na verdade, cada criança tem seus próprios atributos, algumas podem se adaptar ao ambiente e interação, e algumas precisam ser reguladas por estimulação. Por isso, as escolas precisam estar preparadas para compreender os alunos, suas necessidades, suas potencialidades, sempre focando na organização dos sistemas cognitivo e emocional.

Algumas escolas se concentram apenas no conhecimento intelectual, mas a verdade é que tão importante quanto adquirir conhecimento é o equilíbrio emocional. Fundamentalmente, porque através dele as crianças vão mostrar uma atitude positiva em relação a si e aos outros para que aprendam a cooperar e a viver em sociedade. Portanto, é necessário que os alunos encontrem um ambiente propício para o seu desenvolvimento e aprendizagem dentro da instituição escolar, a fim de construir o conhecimento na multiplicidade de situações que os alunos irão enfrentar.

Segundo Rosa (2015), a uma troca de experiências, discussões, interações, relação afetiva entre professores e alunos acontecem em sala de aula. Nesse ambiente, o educador observa seus alunos, identifica suas conquistas e dificuldades e aprende cada vez mais sobre eles. O espaço da sala de aula deve ser um ambiente colaborativo e estimulante para promover o desenvolvimento.

Por meio da emoção na educação infantil, é possível ir além do ensino tradicional para encontrar relações concretas que auxiliem a criança a aprender, pois ela ainda não tem a capacidade de abstração para ensinar mais conteúdo. Portanto, dadas as diferenças individuais e comportamentais inerentes ao ser humano, é fundamental que as ações instrucionais orientem as relações emocionais que afetam o desenvolvimento do aluno.

Segundo Rosa (2015), é nesse ambiente que o educador observa seus alunos, identifica suas conquistas e dificuldades e aprende cada vez mais sobre eles. O espaço da sala de aula deve ser um ambiente colaborativo e estimulante para promover o desenvolvimento. Tanto a escola quanto a família são essenciais para o crescimento da criança, e a relação professor-aluno é de natureza antagônica, proporcionando uma riqueza de possibilidades para o crescimento da criança.

Wallon (*apud* ROSA, 2015) destacou que é a partir de suas próprias experiências, repetições e diferenças que as crianças têm a capacidade de distinguir e identificar coisas que atendem ou não às suas expectativas e necessidades, levando ao aprendizado, por meio de atividades escolares e resultado. Dessa forma, a formação de professores não pode se limitar aos livros, mas a experiência docente deve ser pensada, refletida e analisada de forma a estimular ações para evidenciar e desenvolver novas conquistas de conhecimento.

A sensibilidade do professor permite que ele compreenda os estágios de desenvolvimento da criança, permitindo que ela experimente um mundo cheio de imaginação, sonhos, alegria e muito mais. O professor precisa conhecer bem a criança, usar estratégias que produzam resultados satisfatórios e concordar que o aluno tem um papel importante a desempenhar no uso da pedagogia empregada pelo professor. Portanto, a relação mútua entre o professor e o grupo de alunos, principalmente todos, é constante, acontece o tempo todo, seja na sala de aula ou nos espaços da escola, a interação com objetos e construções é exatamente a função dessa proximidade afetiva.

Segundo Rosa (2015), a interação professor-aluno transcende os constrangimentos maiores e escolares porque é uma relação que envolve afetividade e deixa uma marca para toda a vida. Observamos que a relação professor-aluno deve sempre buscar a emoção e a comunicação entre eles como base e forma de construir os aspectos intelectuais e emocionais. Tornar-se professor não é uma tarefa simples de transmitir conhecimento, pois vai além e envolve despertar valores e sentimentos nos alunos, como amor e respeito ao próximo. Aprender é mais divertido quando os alunos se sentem empoderados com atitudes e métodos motivacionais em sala de aula. A alegria de aprender não é uma atividade que ocorre espontaneamente pelos alunos, pois não é uma tarefa que eles realizam de forma satisfatória e, em alguns casos, é vista como uma obrigação.

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE *apud* ROSA, 2015, p. 16).

Nesse caso, os Psicopedagogos exercem o papel de mediadores no processo educativo, entre professores e educandos, orientando os professores e apoiando a construção de caminhos, o que significa que as ações dos professores precisam ser pautadas pelo conhecimento do desenvolvimento psicológico das crianças, assim suas necessidades. dessa forma que os professores poderão tomar decisões dedicadas ao desenvolvimento de habilidades e potencialidades que farão desse aluno uma pessoa mais feliz e realizada na aprendizagem.

Segundo Nepomoceno (2020) pensando o processo de ensino sob a ótica da educação brasileira atual, parte-se do pressuposto de que são muitas as dificuldades que são enfrentadas todos os dias em sala de aula. Por isso, tem havido interesse em investigar a relação entre a psicopedagogia no contexto escolar

e o papel dos profissionais no enfrentamento dos problemas de aprendizagem. Destaca-se, portanto, que o psicopedagogo pode atuar em ambos os campos, prestando atendimento em clínicas e ambientes institucionais, como escolas e empresas.

Segundo Bossa (*apud* NEPOMOCENO, 2020), do ponto de vista clínico o cuidado é focado no tratamento e para a recuperação, neste caso o atendimento é realizado no consultório enquanto no campo institucional assume uma abordagem preventiva com o objetivo de avançar na construção do conhecimento.

Com base nisso, fica claro que o foco da psicopedagogia é sempre a aprendizagem. No que diz respeito à clínica, ela se concentra em diagnosticar problemas relacionados ao processo de aprendizagem. Pretende-se fazê-lo numa perspectiva psicopedagógica institucional, sobretudo em contexto escolar.

Segundo Nepomoceno (2020), no ambiente escolar, o papel do psicopedagogo é trabalhar intensamente na prevenção das dificuldades de aprendizagem. Nesse sentido, os profissionais devem pensar, formular e atuar sobre: Facilitar a interação humana; incentivar os sujeitos da ação educativa a considerarem a bagagem intelectual e moral de forma integrada; inspirar uma mudança de atitudes na comunidade educativa, de fato, para inovar a escola práticas; contexto enfatizar a essência: construir conceitos e conteúdos com significados relevantes de acordo com necessidades relevantes, e entre outros. Portanto, o papel do psicopedagogo é ajudar os alunos a terem sucesso acadêmico e na vida por meio de métodos e técnicas que possam reduzir os índices de reprovação acadêmica e solucionar problemas no processo educacional. Neste caso, a ação psicopedagoga consiste em explicações. E esse trabalho deve estar sempre vinculado às ações das comunidades e equipes escolares. Mas, fora das escolas, os psicopedagogos também podem trabalhar em hospitais, empresas e organizações assistenciais. Do ponto de vista hospitalar, os profissionais trabalharão para desenvolver o aprendizado, a criatividade e abordar questões emocionais, cognitivas e motivacionais por meio de brincadeiras e oficinas psicopedagógicas. Nesse sentido, os psicopedagogos empresariais trabalham com o desenvolvimento e crescimento dos

colaboradores de uma empresa, o que pode gerar resultados positivos para a empresa.

Uma das áreas mais amplas da psicopedagogia hoje são as escolas. Na psicopedagogia escolar, os profissionais podem atuar como consultores ou podem ser contratados por instituições. No entanto, como a psicopedagogia no Brasil ainda não é uma profissão regulamentada, o recrutamento está vinculado à graduação. Nesse sentido, um educador especializado em psicopedagogia desempenhará o papel de educador, porém, com uma percepção psicopedagógica.

Segundo Nepomoceno (2020), o psicopedagogo poderá atuar como consultor sem vínculo empregatício com a instituição, mediando aspectos que afetam o processo de aprendizagem da escola contratante. A psicopedagogia no ambiente escolar visa investigar, pesquisar e desenvolver métodos para apoiar as dificuldades da aprendizagem humana, reunindo o máximo de informações possível sobre o processo e avaliando os indivíduos. Ao coletar essas informações, buscamos identificar os aspectos positivos, habilidades e potencialidades de nossos alunos. De modo geral, pode-se dizer que a psicopedagogia dentro de uma instituição escolar visa fazer um diagnóstico geral da instituição para confrontá-la com os resultados do processo de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicopedagogia se fundamenta em três fundamentos teóricos, a psicanálise, o associacionismo e o construtivismo. O psicopedagogo deve ser capaz de investir na sua formação pessoal de forma contínua e significativa. É entendida como um campo de possibilidades para o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem dos alunos. No construtivismo, as relações sociais são fundamentais para o desenvolvimento, pois orientam o sujeito na construção do conhecimento. Articular o espaço social e individual da subjetividade é um desafio teórico. Temos que ter uma concepção sistemática de ver o mundo das relações e das totalidades, cuja natureza não pode ser reduzida a unidades menores, fundamentos comuns da organização.

A interação professor-aluno transcende os constrangimentos maiores e escolares, pois é uma relação que envolve afeto e deixa marcas para toda a vida. Aprender é mais divertido quando os alunos se sentem capacitados com atitudes e métodos motivacionais em sala de aula. O processo de ensino e aprendizagem está diretamente relacionado à construção do indivíduo como um todo. Segundo a abordagem histórico-cultural, a aprendizagem é resultado da interação com o outro. Vygotsky diz que a aprendizagem é construída a partir de uma perspectiva social e, por meio da interação com os outros, as crianças introduzem ferramentas culturais. Por meio da emoção na educação infantil, é possível encontrar relações concretas que ajudem as crianças a aprender.

Portanto, o tema do presente Trabalho de Conclusão de Curso surgiu a partir de uma curiosidade sobre o curso de especialização de pós-graduação da Psicopedagogia, tendo em vista o curso de Pedagogia não solucionava todas as minhas dúvidas de como trabalha com uma criança que tivesse dificuldades de aprendizagem, sempre ouvia os professores dizendo que cada criança tinha um desenvolvimento diferente e que devemos sempre adequar nossas aulas, mas nunca disse como. A Psicopedagogia irá trabalhar mais sobre o desenvolvimento humano e dará alternativas de como trabalhar isso, ela aprofundará uma parte sobre desenvolvimento. No entanto, compreender que o trabalho do psicopedagogo é de acompanhar, entender o déficit da criança e solucionar suas dificuldades.

Cabe ao psicopedagogo assessorar a escola no sentido de conscientizá-la sobre seu papel. O trabalho psicopedagógico visa compreender como o indivíduo aprende - tanto em grupo quanto individualmente. O sujeito deve ser entendido em seu sentido subjetivo, pelos pensamentos e emoções que são construídos por ele na constituição de si mesmo e nos espaços sociais em que atua. Na atuação psicopedagógica, trata-se também de possibilitar ao sujeito um espaço dialógico, com opções dele, facilitando o acesso à produção de novos espaços de subjetivação através de sua própria ação. Nesse espaço dialógico, como destaca autores modernos é outorgado ao outro o direito de me fazer perguntas, de querer conhecer coisas de sua própria vida, ou seja, processos essenciais em todo diálogo. Não existe diálogo sem a emergência do sujeito, que somente aparece em uma reflexividade autêntica, espontânea e ativa.

Dessa maneira, o papel do psicopedagogo seria reconhecer o sujeito sem psicoterapia, enxergar o outro como pessoa reflexiva, capaz de avaliar a si mesma e ao outro, ou seja, a possibilidade do sujeito avaliar o psicopedagogo e o próprio processo de terapia poderia se converter em importante processo de produção de sentido, contribuindo assim para uma mudança da atuação psicopedagógica.

Concluindo, a geração de novos sentidos subjetivos no espaço psicopedagógico só será possível se existir o resgate da intenção e o posicionamento ativo do sujeito, para que possa acontecer a mudança. Sem esse posicionamento, o processo de atuação psicopedagógica situa-se, como muitas vezes ocorre, em uma ação externa à pessoa, não sendo favorável à geração de novos sentidos subjetivos, conseqüentemente à construção da subjetividade e a melhoria dos processos de ensino e aprendizagem.

Sendo assim, conclui-se a Psicopedagogia tem o seu principal foco nos processos de aprender e de ensinar e nos problemas decorrentes desse processo decorrem principalmente da falta de reconhecimento por parte do sujeito de sua própria produção, de sua autoria de pensamento. A alfabetização começa quando os pais e a sociedade facilitam à criança o direito de pensar, de ser autônomo, de ser autor de sua própria história. Portanto, para essa autora, o reconhecimento da autoria de pensamento, possível e necessária para que um

ser humano tome contato com a condição humana mais apreciada, que é a liberdade, constitui objeto da psicopedagogia. Ideia que permeia os estudos e a atuação de inúmeros psicopedagogos no Brasil.

Assim, na atuação Psicopedagógica é de fundamental importância a abertura de espaços para que o sujeito possa reconhecer-se autor de seu pensamento e conseqüentemente, capaz de produzir sentidos, ideia condizente com a definição de autoria de pensamento de Fernández, como anteriormente mencionado.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Elza Karina Oliveira dos; DIAS, Juliana Rocha Adelino. Psicopedagogia: sua história, origem e campo de atuação. **Revela Revista Eletrônica Acadêmica institucional**, Praia Grande, SP, a. VIII, n. XVIII, jul. 2015.

BOSSA, Nádia. **A Psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

CASTANHO, Marisa Irene Siqueira. **A Psicopedagogia em um diálogo multidisciplinar**. Bahia, 2017. *In*: ENCONTRO PSICOPEDAGÓGICO DA BAHIA, 6, "A psicopedagogia em um diálogo multidisciplinar", (Conferência de Abertura) promovida pela Associação Brasileira de Psicopedagogia – Seção Bahia.

Universidade Católica de Salvador, 03 de novembro de 2017.

CERVO, Joao Olavo. **Metodologia científica**: guia para *eficiência* nos estudos. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

NEPOMOCENO, Taiane Aparecida Ribeiro. O psicopedagogo no contexto escolar e o processo de aprendizagem, qual a relação? **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 47, 8 dez. 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/47/o-psicopedagogo-no-contexto-escolar-e-o-processo-deaprendizagem-qual-a-relacao>. Acesso em: nov. 2022.

ROSA, Ionara Layanne Amorim. **Psicopedagogia e aprendizagem**: a importância da afetividade como elemento facilitador entre ensinantes e aprendentes. 2015. 22 f. TCC - Artigo (Bacharel em Psicopedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SCOZ, Beatriz Judith Lima; PORCACCHIA, Sonia Saj. A Subjetividade na psicopedagogia: algumas reflexões. **Pepsic – Periódico Eletrônico em Psicologia**, São Pulo, v.17, n. 14, jun. 2009.

SENA, Clério Cezar Batista; SOARES, Matheus. **O educador reflexivo**: registrando e refletindo. Recife: Doxa, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SOARES, Matheus; SENA, Clério Cezar Batista. **A contribuição do psicopedagogo no contexto escolar**. DocPlayer, 2017. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6547704-A-contribuicao-do-psicopedagogo-no-contexto-escolar.html>. Acesso em: 24 mar. 2021.